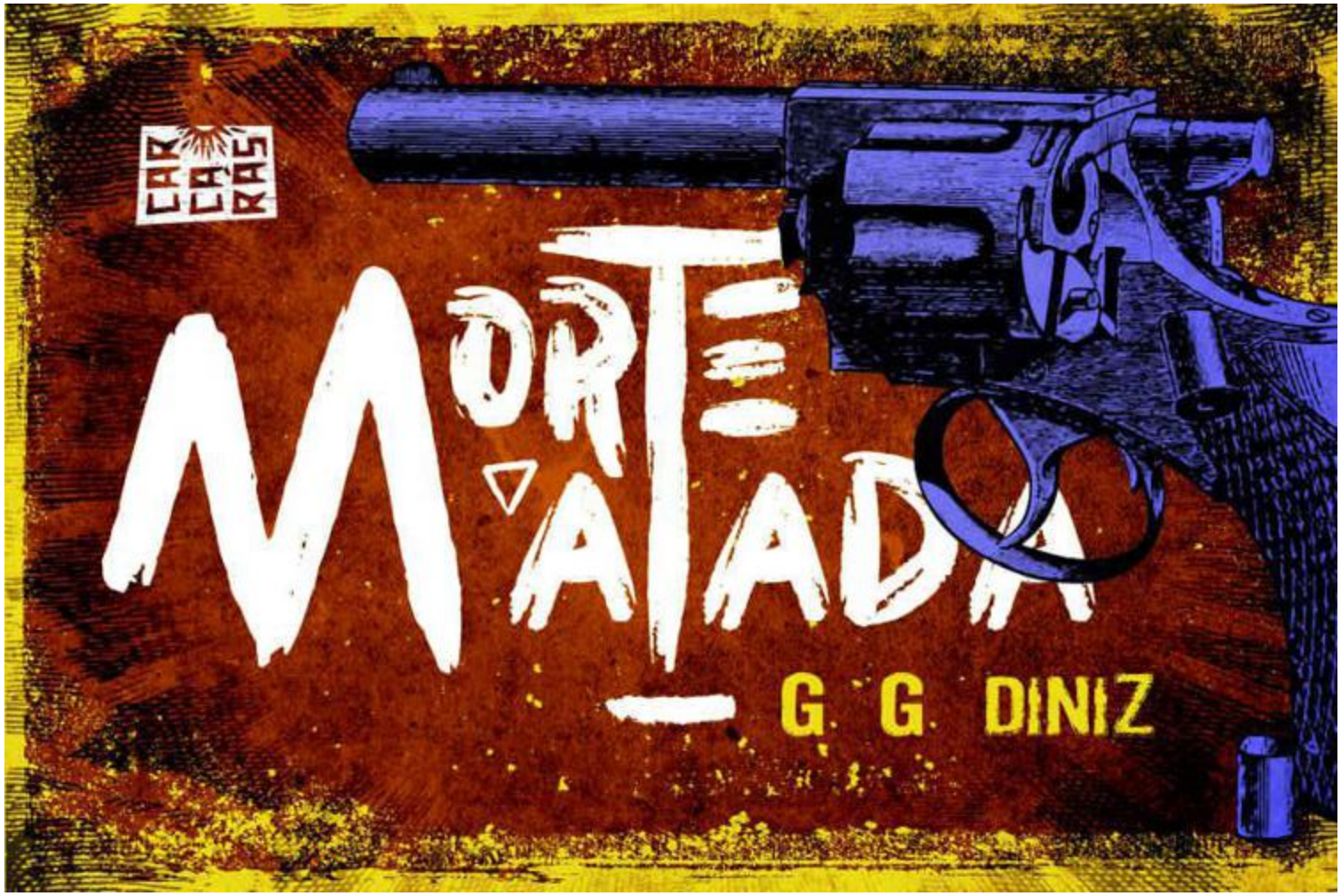
MADHOUSE

CARCARAS

ZINID G G DINIZ


CARCARÁS
MORTE MATADA
G. G. DINIZ


MORTE
ADA

Copyright © 2020 by G. G. Diniz
Todos os direitos reservados à Editora Corvus

CAPA

Henrique Morais

EDIÇÃO E REVISÃO
Alec Silva e Jean Gabriel Álamo

DIAGRAMAÇÃO
Henrique Morais

www.editoracorvus.com.br

01

Heloísa tragou o cigarro em frente à janela aberta de seu quarto e prendeu a respiração.

Como médica, mesmo sem formação, conhecia os perigos. Sabia das mil e uma substâncias tóxicas que atingiriam seus alvéolos e trariam malefícios irreversíveis até mesmo se inaladas em pequenas quantidades. E desenvolver algo grave como um câncer em Cedrinho era uma pena de morte.

Ela não era estúpida. Em verdade, buscava acelerar esse acontecimento, pois os últimos quinze meses minaram seu instinto de preservação. Dois anos antes, fumar com a janela aberta no meio da noite, quando tudo o que havia além da casinha era o mato, gelaria sua espinha; um medo bobo para uma mulher crescida de mais de 40 anos, o medo de um monstro imaginário qualquer, à espreita no escuro.

Ser pega e esquartejada por uma fera sobrenatural lhe soava muito bem agora.

Heloísa exalou e uma nuvem de fumaça a cercou por alguns momentos, antes de se dissipar no ar parado.

Apesar de todos os seus impulsos autodestrutivos, o farfalhar de galhos mais adiante, mato adentro, fez com que pulasse. Os ouvidos conheciam o som muito bem: passos, pés quebrando pequenos galhos sob as solas... Mas não era só isso.

Apagou o cigarro e esperou, atenta. Pensou um pouco. Poderia ser um dos homens do Luís Felipe que finalmente decidiram vir pegá-la. Várias

mulheres de Cedrinho foram violentadas no último ano. Por que iriam poupá-la, se era tão fácil pegá-la em sua casa afastada, no meio da noite?

O som de grunhidos se elevou acima do farfalhar.

"Aguenta, mulher", disse uma voz feminina, cujo tom era forçadamente animado. "Deve tá bem ali. Juro que vi uma luz."

A resposta foi mais grunhidos, carregados de dor.

Sem perceber, Heloísa suspirou de alívio. Eram duas mulheres. E uma delas só podia estar ferida. Os instintos da médica a tomaram; ela pegou uma lanterna da gaveta da mesa de cabeceira e pulou a janela, um gesto muito heroico para alguém sedentário, e agora fumante, de 40 anos.

"Eita, vi mesmo. Aguenta aí só mais um pouquinho, amor."

Heloísa se guiou pelo barulho.

Deu um grito quando, de repente, o facho de luz pegou duas moças maltrapilhas, sujas da cabeça aos pés, e, como ela imaginou, feridas. Bem, uma delas muito mais ferida do que outra. A menor das duas, de rosto redondo e cabelo curto, carregava a outra, pálida, com a perna da calça manchada de sangue seco, as manchas começando em um rasgão no tecido grosso.

As roupas eram estranhas.

Tudo era estranho.

Mas alguém estava ferido e precisando de ajuda, e isso era tudo que Heloísa precisava saber. Sem falar nada, correu para ajudar a levantar a moça maior.

"Valeu", murmurou a mais baixinha, o alívio palpável em sua voz.

Juntas, levaram a mulher machucada — devia ser uma adolescente ainda, por mais alta que fosse — para dentro da casa e a deitaram no sofá.

Heloísa desligou a lanterna e acendeu a luz, não antes de fechar a porta e checar se as janelas estavam bem fechadas. Aquelas moças claramente não eram dali, nem das redondezas, e, a tirar pela sua situação, estavam em grandes apuros.

Elas vestiam coldres e carregavam armas. As armas não assustaram Heloísa. Não seriam utilizadas contra ela.

Por ora, melhor seria se ninguém soubesse da presença das duas forasteiras ali. A sorte delas foi encontrar a casa certa. Qualquer outra, e teriam acordado todo mundo.

Ela se ajoelhou ao lado da adolescente alta, que arfava de dor. Com a ponta dos dedos, abriu mais o rasgo na calça de boa qualidade e encontrou,

debaixo do tecido, um corte que demandava pontos.

“No quarto, dentro do guarda-roupa, tem uma bolsa com umas listras laranjas. Traz ela pra mim!”, ordenou Heloísa para a baixinha.

A *Baixinha* e a *Altona* seriam as duas jovens na sua mente até que estivesse em condições de parar para perguntar nomes. A Altona, por sinal, não poderia responder pergunta nenhuma; enquanto a outra não voltava, Heloísa a acomodou melhor no sofá com uma almofada debaixo da cabeça e tirou as botas pesadas dos pés da jovem. Sem dúvidas, era o tipo de calçado para alguém que esperava enfrentar problemas.

Logo Heloísa tinha a bolsa de primeiros socorros em mãos.

“Me ajuda aqui a tirar as calças”, pediu, sua voz como a voz de Deus em uma emergência daquela.

Com a calça jogada no chão no outro lado da sala, podia trabalhar. E ia ter que ser sem luvas e antibióticos. O jeito era limpar bem as mãos com álcool 70% e torcer pelo melhor. Limpou o ferimento com antisséptico, mediante reclamações da paciente e preocupação de sua companheira. Observou se havia princípio de infecção e, com uma gaze, foi limpando o sangue escuro, venoso, que ainda fluía.

Uma veia até grandinha fora cortada junto com todas as camadas de pele e uma generosa porção de carne.

“Tu aí, pega a lanterna. Joga luz aqui.”

A Baixinha, com relutância, soltou a mão da Altona e fez o que lhe foi pedido. Sob a luz forte da lanterna, Heloísa aplicou anestésico local, amarrou a veia, costurou músculo. E, ao fim, com uma linha mais grosseira, costurou a pele. Em algum momento do procedimento, a Altona desmaiara. Um tanto melhor. Assim, não precisava gastar tanto anestésico local. Dariam falta dele, cedo ou tarde.

Com sua mais nova paciente tratada e o ferimento resolvido, só então Heloísa teve tempo de pensar. Virou-se para a Baixinha, que passava a mão na testa da namorada. A médica não queria saber demais, tampouco podia saber de menos.

“Vai vir gente atrás de vocês?”, perguntou.

“Não. A gente deu um perdido neles bem longe daqui. Não vão vir atrás da gente. Não aqui... Aqui é Cedrinho, né?”

Heloísa desconfiou do tom esperançoso e muito, muito aliviado da Baixinha ao falar de Cedrinho.

“É, aqui é Cedrinho, sim. Vocês tavam vindo pra cá já?”

“Tava sim.”

“Por quê?”

“Qualquer lugar sem porra de coleira daria para o gasto, só que aqui é o único que ouvi falar e que dava para chegar.”

Heloísa pressionou os lábios e passou a mão nos cachos volumosos.

“Vocês não vão poder ficar aqui. Se tão procurando um lugar sem coleira, ainda não chegaram lá.”

“Como assim? Ouvi falar que Cedrinho...”

“O que tu ouviu falar é verdade. Era verdade”, Heloísa disse, derrotada. “Quinze meses atrás, era verdade, sim.”

“Mas...”

“Eu não ter uma coleira foi um golpe de sorte, só isso.”

A sorte de saber salvar a vida da pessoa certa.

02

Heloísa, sem dúvida, se meteria em confusão.

O ferimento da Altona de cabelo raspado, cujo nome era Juciara, infeccionara durante a noite. Ou já estava infeccionado, sabe-se lá o estado de limpeza do que causou aquele rasgão em sua coxa.

De toda forma, ela acordou com febre, e nem ela nem sua parceira tinham dinheiro ou modo de transporte. Se fossem embora com Juciara naquele estado, ela morreria, cedo ou tarde, e Kátia iria junto com ela.

Elas não disseram de onde vieram ou em que problema se meteram; tudo o que Heloísa sabia era que apostaram todas as suas esperanças em encontrar paz e sossego em Cedrinho. Heloísa supunha que havia, sim, paz e sossego em Cedrinho.

Do pior tipo.

O fato era: não poderia mandá-las embora. Também não poderia deixar ninguém saber que estavam lá. Chico Sá colocaria o cabresto nelas e as faria trabalhar nas plantações. Heloísa não desejaria aquilo a ninguém, embora, aos outros, era assim que parecia.

Ela checou o relógio de pulso. Chegaria um pouco atrasada no casebre que funcionava como clínica, mas precisava comprar mais comida e paracetamol no mercado. Caso contrário, as meninas passariam fome e a febre de Juciara ficaria muito pior. Heloísa preferiria não ter que desovar um corpo quando chegasse em casa; já estava escondendo duas fugitivas que fizeram sabe-se lá o quê.

Não tinha medo delas. Naquelas terras, muita gente inocente era perseguida.

Se elas fizeram algo para merecer tal perseguição, talvez Heloísa concordasse com o que quer que tivessem feito. Apressou o passo no caminho de terra batida entre sua casa e o centro de Cedrinho. O centro era um enorme espaço em aberto, rodeado pela igreja, a clínica, o mercado e as casas das famílias que foram as mais antigas e importantes antes da chegada do filho do Coronel Gomes.

De algumas das casas, só restaram os escombros. Outras foram esvaziadas e tinham novos moradores, os homens e mulheres do Coronel. O filho do homem abrira um lote no mato, a uma distância dali, e, em oito meses, erguera para si um palácio de vidro e aço, muito ao contrário do resto das moradias, casas simples de tijolo, cimento e cal.

Em comparação com os arranha-céus de Cedro, visíveis à distância, Cedrinho era nada mais do que uma vila insignificante. Mesmo uma cidade tão chique como Cedro precisava de milho e feijão na mesa... E, até um tempo atrás, o milho e o feijão de Cedrinho eram os menos prováveis de provocar um câncer de tireoide ou distúrbio hormonal.

Heloísa entrou no mercadinho, uma construção um pouco maior que as casas, com um letreiro desbotado em vermelho. Antes, raramente se pagava qualquer coisa com dinheiro. Todo mundo se ajudava, e ninguém passava fome.

A dona estava atrás do caixa, assistindo a um filme ou série qualquer no celular. Já fora uma mulher vivaz e faladeira. Virara um zumbi depois que o marido e o filho mais novo morreram. Se tivesse escolha, deitaria numa cama e definharia. Com a coleira, nem isso podia fazer.

Ao menos, era capaz que ela nem notasse nada de estranho com Heloísa comprando tanta comida de uma vez, sem falar no paracetamol. E era cedo, de manhã. Quem ficava pelo centro, ainda não tinha acordado.

Heloísa baixou a cabeça e foi colocando o que achava bom levar dentro da sacola de tecido que trouxera no ombro. Coisa para fazer sopa e fruta fresca para fazer suco. O estômago de Juciara ficaria delicado por uns dias, ao menos. A comida que Heloísa costumava comer não cairia bem e atrasaria a recuperação.

Ela se esgueirou para o caixa e pediu uma cartela de paracetamol. Tentou não parecer culpada, mas nunca mentira ou fizera algo daquele naipe. Era uma mulher quieta, não gostava de problemas. Não ficou quieta quando deveria ter ficado.

“Booooom dia, Dona Fátima, como vai?”

Fátima respondeu com um menear quase imperceptível de cabeça. Heloísa gelou ao ouvir a voz melodiosa de Luís Felipe. Bem, sua preocupação não era Luís Felipe, e sim Chico Sá, o Caveira, guarda-costas e sombra, a pessoa que mandava mesmo em Cedrinho. Ele recebera esse apelido pelas bochechas encovadas do rosto magro.

Luís Felipe tinha vinte e cinco anos e passara a vida no luxo e facilidade de Juazeiro do Norte. Estava lá só para não dizer que Caveira era quem mandava em alguma coisa ali. Afinal de contas, Luís Felipe era do clã dos Gomes, e Chico Sá não se sabia nem se algum dia teve família. O homem era tão ruim que deve ter matado todo mundo.

"Helô, eu te vi passando para cá e decidi dar um bom dia."

"Bom dia, Luís."

Para ela, Luís Felipe era só Luís. E, para ela, também não havia a necessidade de usar coleira, segundo o próprio Luís.

"Fazendo compras a uma hora dessa, Heloísa?", perguntou Caveira, com sua voz grave e olhos de ave de rapina.

Quinze meses não era muito tempo. Pela força, Cedrinho não teve escolha, a não ser se adaptar à nova realidade, mas quem ainda era são o suficiente para lembrar, lembrava. Qualquer movimentação estranha poderia ser indício de uma revolta, e o Caveira não confiava tão fácil como seu chefinho.

"Acordei disposta, só isso. Melhor fazer logo a compra da semana pra não ter que me preocupar com isso mais tarde."

Heloísa forçou um sorriso.

Sentindo a tensão no ar, Luís Felipe retirou os óculos escuros e os guardou no bolso da frente da camisa fina.

"Ninguém pode nem mais comprar comida, Chico?", perguntou ele ao seu guarda.

Chico Sá tinha um ponto. Era uma mudança na rotina de Heloísa e sua cara de paisagem não era bem treinada. Era capaz de cavoucar uma bala fora das tripas de um homem sem nem tremer o olho. Porém, permanecer tranquila quando sabia estar fazendo algo errado não era um de seus talentos.

Caveira permaneceu calado e crispou os lábios; sem dúvida, rancoroso de estar sob o jugo de um estúpido que nem o chefe.

"Só tô aproveitando que acordei cedo", explicou-se Heloísa para Luís.

"Tranquilo, meu amor. Tranquilo. Vim só falar com você mesmo, faz tempo que não te vejo. Vou ter que arranjar uma gripe para te visitar na

clínica.”

Luís Felipe não sabia, e nem se esforçou para saber nada da área que tomou de assalto com as forças do papai. Se houvesse o mínimo de esforço da parte dele, saberia que ele não fazia o tipo de Heloísa. Ninguém fazia.

E, se algum dia sentisse vontade de trepar, não seria com ele.

Se alguém a tivesse avisado o que aconteceria no futuro, teria lhe deixado morrer.

03

Heloísa encostou o ombro no vão da porta e suspirou. Com sorte, morava numa casinha afastada e não tinha que se preocupar tanto com gente vendo pelas frestas das janelas que duas convidadas chegaram sem avisar.

Aquilo, porém, não se manteria por muito tempo. Se aquela manhã foi evidência, cedo ou tarde, o Caveira notaria algo de errado, e talvez esse *cedo* fosse antes da convalescença total de Juciara, que suava frio na cama de Heloísa.

Kátia, com zelosa dedicação, lavava os membros da garota com água gelada de pote e oferecia colherinhas de chá e suco e sopa aguada para mantê-la hidratada, enquanto seu estômago recusava qualquer comida mais sólida.

"Tu sabe que vocês vão ter que pegar o beco em breve, não sabe?"

"Alguém viu alguma coisa?"

"Não. Não ainda. Só que Cedrinho não é como costumava ser. Tem gente de olho em tudo que todo mundo faz. Por mim, vocês ficariam aqui o tempo que precisasse. Se vocês quiserem viver, têm que ir embora daqui assim que Juciara tiver em condição de ficar em pé."

Kátia parou de zelar por sua paciente um momento e esfregou o rosto, exausta. Os olhos começaram a marejar e a respiração travou.

"Eu dou dinheiro, faço o que puder por vocês", assegurou-lhe Heloísa.

"A gente não tem pra onde ir."

"Com dinheiro, dá pra vocês andarem até Cedro, e, de lá, dá pra pegar passagem pra Juaz..."

“Não posso voltar pra lá. Não tem como. É de lá mesmo que tô fugindo. Entre morrer aqui e morrer lá, preferia até morrer aqui...”, Kátia baixou a cabeça e soluçou. “Eu prometi que tomaria conta da Ju.”

Evidentemente, não deu muito certo. Elas dependiam do favor de uma estranha, possuíam apenas a roupa do corpo. Nem mesmo poderiam dizer que tinham saúde. Ao menos, não Juciara.

“Então o problema de vocês é com Juazeiro.”

Kátia só balançou a cabeça, sem condição de falar. Sentou-se na cama, ao lado da namorada, e passou a mão pela careca da moça, ao mesmo tempo que segurava o choro.

“É, fica um pouco mais complicado assim”, Heloísa continuou, meio conversando com Kátia, meio falando sozinha, buscando uma solução. Seu instinto era ajudar, não importava a quem. “Mas, em Cedro, acho que tem passagem pra outros estados. Rio Grande do Norte não é tão longe, mas ia ser caro. Só que, pra duas moças fortes que nem tu e Juciara, não é possível que não desse pra arranjar alguma coisa sem coleira, por um tempo, pra juntar dinheiro.”

Era bem próximo do impossível, sim.

Viajar para outros estados era perfeitamente possível e confortável para quem pudesse pagar... Em cidade grande, porém, era difícil arranjar um trabalho que não exigisse o uso da coleira para alguém sem estudo, sem nada. Muita gente de Cedrinho chegou que nem elas duas, fugindo disso, querendo trabalhar, e querendo ser livre ao mesmo tempo.

O problema era que ninguém falava muito de Cedrinho. Ele deixou de ser o paraíso de antes sem nenhum alarde.

“Não posso ficar muito tempo em cidade grande”, disse Kátia, por fim. “Eles vão me achar.”

Kátia e Juciara foram bastante reticentes com seu passado até aquele momento. Não que Juciara estivesse em condição de falar, se quisesse.

“Eles quem, mulher? Vai que eu posso ajudar em mais alguma coisa se eu souber quem é que tá atrás de vocês.”

“É o Coronel Ferreira”, Kátia respondeu em um sussurro quase inaudível. “Eu era uma jagunça dele e... planejei mal minha fuga.”

As sobrancelhas de Heloísa subiram para quase o começo da testa. De todas as respostas, essa era que menos esperava. Talvez porque suas experiências com jagunços se resumissem ao Caveira e trupe. Com certeza,

eles faziam o trabalho por escolha e gosto. Não lhe ocorrera que isso não se aplicava a todo mundo.

“E Juciara, era o quê?”

Kátia respirou fundo.

“Não falta gente em Juazeiro, não, sabe?” Heloísa imaginava que não. “Só que falta gente sem escolha o suficiente para trabalhar quase de graça e aceitar usar a coleira. Meu trabalho para o Ferreira era... achar esse pessoal pra ele. Eu recebia por cabeça. Se ele não precisasse, a gente vendia para outro coronel. Sempre tinha um precisando”.

Heloísa não disse nada, quase não se mexeu. Sentiu que, se mexesse um músculo, Kátia voltaria a si e pararia de falar sua história.

“Daí, um dia, a gente pegou uma ruma de gente que tava com a Juciara. E foi ela que me deu vergonha na cara de...”, a voz dela falhou, “... matar todo mundo e fugir.”

“Todo mundo?”

“Os jagunços.”

Ah.

Os jagunços.

“O Ferreira deve tá puto mesmo”, Heloísa respondeu.

“Ora, se não. Peguei o caminhão que tinha ido levar o pessoal, deixei eles perto de Juazeiro e toquei pra cá. Vieram atrás. Quase que a gente não chega aqui com vida.”

“E eles?”

Kátia olhou para um ponto vazio, um lugar que só ela podia ver.

“Ou eles morriam ou a gente morria.”

Talvez a Heloísa do passado ficasse horrorizada com tal história. Sabe-se lá quantas pessoas aquelas jovens mataram em busca de sua liberdade, e ela própria não tinha coragem nem de ficar parada para deixar um só morrer.

Os tempos eram outros. Heloísa era outra. Não poderia dizer que faria o mesmo. Ao menos, não julgaria quem fez. Quem sabe, um dia, elas seriam julgadas por um ser maior que a humanidade, mas, por enquanto...

“Tá certo”, foi tudo que Heloísa pôde dizer em resposta.

Kátia olhava para todos os lugares, menos para ela.

“Eu não queria... que nada disso tivesse acontecido.” Pausa. “Uns, eu tive gosto de matar, mesmo. Eu só queria fugir. Eu não tinha mais coleira, mas ainda tava no cabresto.”

Heloísa assentiu. Deu uma risada seca.

“Então não faz diferença se vocês vão ou vocês ficam.”

“Se a gente ficar, é problema pra ti. Faz sim.”

A resposta foi um dar de ombros.

“Pra mim, tanto faz.”

Um momento de silêncio se seguiu.

“Já que o caso é sério, melhor mesmo vocês ficarem até que a Ju esteja bem. Essa febre vai baixar, o ferimento tá com uma cara bonita. E vocês vão precisar de saúde fora daqui.”

E se Heloísa se metesse em problema...

O pior que poderia lhe acontecer era permanecer viva.

04

As pontas dos dedos sensíveis de Heloísa encontraram um caroço duro, imóvel, coberto por pele macia de bebê. Ela afastou as mãos e as esfregou antes de escondê-las debaixo da mesa.

Antes da reintegração de posse, não é como se Cedrinho fosse um paraíso idílico. Muita gente morria de doenças facilmente tratáveis, por falta de acesso rápido a medicamento, por falta de exame e equipamento, por falta de médico.

O médico de Cedrinho, antes de Heloísa, era formado mesmo. Trouxe seus livros, equipamentos e passou tudo o que pôde para a aprendiz antes de morrer. Montou a clínica e anotava cuidadosamente o histórico de todos os seus pacientes — Heloísa não raro consultava suas anotações. Ela jogou um bocado delas fora quando uma parte considerável de seus primeiros pacientes morreram.

E não se surpreenderia se muitos mais morressem.

Quantidades copiosas e ilegais de agrotóxicos passaram a ser aplicadas nas plantações de Cedrinho, até nas hortas familiares e os poucos pés de fruta. Cedrinho nunca produziu tanto, em tão pouco tempo.

Fora isso, a água de beber passou a ter gosto acre, de cloro. Ninguém falava sobre isso, mas Heloísa não era burra. Sem dúvida, Luís Felipe ordenou que pulassem a última etapa de tratamento de esgoto, a que retirava o excesso de cloro e os outros desinfetantes. A água estava limpa. Contudo, estava também venenosa.

A água que ia para a casa de Luís Felipe, claro, passava pelo tratamento todo.

O bebê em cima de sua mesa, por exemplo, nascera há quatro meses. Só bebera aquela água e respirara aquele ar. Um tumor já tomara conta do estômago do coitado.

"E aí?", perguntou a mãe do neném.

A mãe, coitada, ela própria era uma criança, no alto dos quinze anos; era "casada" com o próprio Chico Sá, de trinta e seis. Na época do casório, tinha apenas quatorze e brincava de boneca escondida. Heloísa fez o parto rangendo os dentes.

E teria que comparecer ao enterro do filhinho, muito em breve.

"Tem que continuar tentando dar leite. Se o peito secar, dá papinha aguada. Coisa leve, sabe? Essas coisas de estômago, o jeito é deixar passar. Se ele fosse mais velho, eu dava até um remédio de verme pra ver se melhorava, mas, novinho desse jeito, não tem como ser."

A menina assentiu. Pegou o bebê no colo e saiu da clínica para o sol de rachar lá fora, cabisbaixa. No fundo, ela devia saber que não passaria, não.

A área de "espera" da clínica estava vazia. Ninguém mais vinha à clínica, a não ser que estivesse com as duas canelas na cova. Heloísa decidiu ir fumar um cigarro, nos fundos, enquanto absorvia um pouco de sol. Sol demais era ruim, porém, com sua pele escura, era danado ela ter deficiência de vitamina D.

Não que ela pudesse fazer exame de sangue para saber.

Poucos minutos depois, Caveira se materializou ao seu lado. Ele sempre estava nos piores lugares, nos piores momentos.

"E aí?"

Heloísa não sabia se ele tinha começado a pegar os trejeitos da esposa ou era ela quem pegou as manias do jagunço.

"Teu filho não vai viver muito mais tempo, não. Falei pra Vandinha pra continuar tentando dar comida, mas já, já ele morre. Tumor no estômago. Deve ser desses agrotóxicos tudo aí, e da água. Tu podia tentar falar com o Luís Felipe."

"Talvez tu tivesse mais sorte." Chico Sá tirou a carteira de cigarro do bolso e acendeu um, o rosto sereno. "Aquele ali é um pau-mandado, filhinho de papai. Cheira a leite azedo. Não vai fazer porra nenhuma."

Heloísa só podia concordar. Caveira era mais perigoso, porém Luís Felipe estava longe de ser inocente. Afinal, ele também cumpria as ordens de seu pai, e as repetia para Chico Sá. Não se importava. Ninguém se importava.

O próprio Chico só tava ali pra ver se conseguia pegar Heloísa no pulo.

Ela soltou fumaça na cara do jagunço.

“Se eu fosse tu, já juntava o dinheiro do caixão. Ainda bem que é mais barato, né? É pequeno.”

“É.”

“E tu tá melhor?”, perguntou o homem, depois de um momento silencioso.

“Eu?”

“Tava comprando paracetamol. Febre ou dor de cabeça? Vai ver, é tumor também.”

Heloísa não teria tanta sorte assim.

“Febre. Peguei um vento gelado e fiquei meio gripada, tô melhor agora.”

“Ah, bom.” Chico Sá jogou o cigarro, meio tragado, no chão e apagou as chamas com a bota. “Te cuida, doutora.”

“Pau no teu cu, Caveira.”

Ele sorriu em resposta.

“Tu é que tá precisando.”

Com isso, foi embora. Heloísa terminou o cigarro, tentou sobreviver ao dia e fechou a clínica ao cair da tarde. Arrastou-se para casa, derrotada. Talvez devesse fazer que nem Kátia e Juciara. Aproveitar que não tinha coleira — a única, nem Vandinha escapara — e fugir. Ela não matou ninguém, Chico Sá não ia perder tempo indo atrás dela.

Ela poderia ir para Juazeiro, abrir uma clínica de fundo de quintal e ir vivendo.

Poder, até podia.

Não seria tão covarde assim. Não deixaria Cedrinho sem médico, ou algo próximo disso, e não viraria as costas. Só que também não podia fazer nada. Só podia abrir a clínica de manhã, atender gente com doenças cada vez mais fora de seu alcance, fechar a clínica à tarde e ficar em casa lendo os mesmos livros de sempre.

Em breve, a gente que ela conheceu ali morreria. Ela também.

Nem todo mundo podia ter uma vida espetacular.

Abriu a porta de casa com cautela. Caveira estava de olho nela, e não podia mais contar com a distância da casa para garantir sua privacidade. Quando entrou e trancou a porta, imediatamente rumou para o quarto.

Juciara estava sentada na cama, fraca, mas inteira e acordada.

Kátia a fazia beber goles de uma coisa qualquer.

“Como é que tão as coisas?”

“Podia tá melhor”, crocitou a paciente.

Kátia deu um tapa estalado no seu braço.

“Cavalo dado não se olha os dente, criatura!”

Heloísa sorriu, foi para a cozinha tomar uma dose de cana e voltou para o quarto. Gostava de ficar sozinha, mas não resistia à companhia das duas moças, e Juciara parecia, no mínimo, ser interessante. Levou uma cadeira da mesa da cozinha consigo.

“Já falou pra ela?”, perguntou Heloísa a Kátia.

“Falou o quê?”

“A *merda* que aconteceu aqui?”

05

Heloísa afundou na cadeira, desconfortável. Não era muito de conversar, mas precisava falar para alguém que fosse entender o nível do inferno que se tornou Cedrinho nos últimos tempos. Em parte, talvez, por causa dela.

“Merda?”, disse Juciara, tão exausta, que o volume não se elevava acima do mais leve sussurro. “Que merda?”

“Tua namorada me disse porque vocês acabaram parando aqui. Vocês achavam que nenhum coronel mandava aqui.”

Juciara só conseguiu assentir com um menear fraco. Kátia apertou a mão dela sobre o colo, sedenta para descobrir a história. Ela e Juciara não eram as únicas deixando coisas não ditas.

“Aqui era terra de ninguém, sabe? Daí chegou uma família, depois chegou outra, e assim foi indo. Deu para conseguir uma estação de tratamento de esgoto e irrigação. A gente plantava pra colher e plantava pra ficar mais fresco. Por isso que aqui é cheio de mato ainda vivo.”

“Só que...”, Kátia interrompeu.

“Só que... Coronel Gomes arranjou um documento de 2000 e lá vai bolinha dizendo que esse terreno aqui era dele. Quando aqui era tudo seco, ele não queria nem saber. Quando a gente transformou isso aqui com suor e trabalho, ele quis pegar tudo de volta.”

“E pegou.”

“E pegou. Veio um monte de jagunço dele armado, e ele podia até chamar a polícia, se quisesse. Tem a lei da usucapião, mas, quando é pra ajudar pobre, a lei não serve de nada, né? A gente tentou se proteger como dava, só que a gente não tinha arma... Chico Sá matou e pendurou o mandachuva daqui

na torre da igreja até a carne cair podre dos ossos. Depois veio o Luís Felipe. Não é o dono, mas é filho do dono, pra ficar aqui vigiando o Chico e *nos* vigiando. Encoleirou todo mundo."

"E não tu."

"A gente era da paz, mas a gente não ia deitar. Atiraram no bucho do homem. O cabra macho que fez isso morreu nas mãos do Chico Sá, e eu... tirei a bala do Luís. Salvei a vida dele. Não tenho coleira só por isso. Devia ter deixado ele sangrar até passar dessa pra melhor."

"Devia", confirmou Juciara.

Os olhos dela estavam vagos, como se estivesse cansada demais para manter o olhar fixo. Ao menos, os ouvidos e a língua continuavam bem afiados.

"Não deixei ele morrer porque não vi sentido. Deu no que deu. O perigo mesmo é o Chico Sá, o Gomes tem outras crias pra mandar pra cá. Ele viver ou ele morrer não ia fazer muita diferença pra cá, não. A diferença é que eu ia deixar um homem morrer."

Juciara lambeu os lábios rachados.

"Eu já bati na cabeça de um homem até ouvir o quengo dele estalando."

"Já?"

"Foi", confirmou Kátia com um sorriso orgulhoso.

Heloísa tentou ao máximo não sorrir também. Difícil imaginar que a presença de duas assassinas a sangue frio fosse lhe confortar, mas já lhe aconteceram coisas mais improváveis.

"Como tá dando pra ver, não tem como vocês ficarem aqui muito tempo, não. Chico já tá de olho em mim, não vou poder ficar comprando comida pra três sem ele perceber. Daqui a pouco, ele vai olhar meu gasto de água também, e daí vai ser difícil explicar."

Kátia apertou ainda mais a mão de Juciara.

"Ju, tu tem que voltar pra Juazeiro."

"Mas..."

"Sozinha. Não tem lugar seguro pra mim. Quando a gente fugiu, eu achava que aqui daria certo. Não vai dar. E, se tu tiver comigo, não tem canto seguro pra ti também, e ninguém marcou teu rosto em Juazeiro. Tua tia tá lá, teus vizinhos, quem tu conhecia. Quem eu sou pra ti, pra ficar te metendo em aperreio desse jeito?"

Juciara apenas balançou a cabeça em negativa, negando qualquer possibilidade de voltar para o Juazeiro e ficar em segurança.

Era bonito o sentimento.

Burro também.

Por algumas coisas, valia a pena arriscar o pescoço. Não julgaria Juciara por mover mundos e fundos pela namorada, se Heloísa fazia o mesmo por duas estranhas assassinas que não poderiam nem mesmo lhe pagar por todo o trabalho e apoio médico.

“Vocês se conheciam há quanto tempo antes de fugirem juntas?”

“Um dia”, respondeu Kátia.

“Menos que isso.”

Heloísa ergueu uma sobrancelha. Os comentários que lhe vieram à mente acerca disso a lembraram que ela era uma cabra velha. Esfregou as mãos nas calças e decidiu finalmente exercer seu papel. Checar temperatura, limpar o ferimento e filar o jantar que Kátia tentara fazer.

Juciara ficaria bem. Se fosse morrer, não seria da infecção. Era jovem, forte e tinha uma enfermeira muito da solícita fazendo o melhor que podia, mesmo com tão pouco.

Depois, Heloísa foi se sentar na cadeira da varanda de frente e fumou cigarro atrás de cigarro atrás de cigarro, para apressar um pouco o processo começado pelo Coronel Gomes quando mandou agrotóxico, e pelo seu filho quando economizou no tratamento da água porque saía caro...

06

Após o período difícil de maior febre, Juciara não tardou em se recuperar bem. E, apesar da dor na perna, rangia os dentes e mancava pela casa quando precisava se locomover. Em breve, ela e Kátia tratariam de partir, por sua própria segurança.

“Tu podia vir com a gente”, sugeriu Juciara.

Heloísa balançou a cabeça, em negativa, e remexeu na comida do prato. Kátia não tinha ficado tempo o suficiente para aprender a cozinhar um jantar decente, mas, entre isso e Heloísa ter que cozinhar ela mesma, a primeira opção era a preferível.

“E quem ia ficar aqui cuidando dos doentes? Comigo aqui, já tem gente morrendo por besteira.”

E ela desconfiava que esse era o plano. Enquanto houvesse gente que se lembrava de como era antes, havia o perigo de uma reação, mesmo com as coleiras. Antes de morrer, qualquer um com raiva o suficiente poderia fazer um estrago enorme; e a moral dos habitantes originários não estava lá muito alta. Era capaz que alguém ficasse doido o suficiente para fazer um sacrifício. E, se fosse estratégico, era capaz que tal sacrifício fosse suficiente.

Kátia estralou os dedos.

“Dava pra desligar as coleiras, sabia?”

Silêncio.

“Eu fui jagunça, sei como é. Tu não vai ouvir ninguém falando disso pra não dar ideia, mas tem uma antena. Sempre tem uma antena controlando as

coleiras. Eles escondem e passam por um equipamento qualquer, pra não dar na vista que é aquilo ali que deixa as coleiras ligadas.”

“Não tem nenhuma antena perto daqui”, Juciara rebateu.

“Não que tu tenha visto. Não é uma antena grande. É pequena, dá pra levar pros cantos. Em Juazeiro, tem as antenas grandes mesmo, que é muita gente. Mas aqui? Pra esse pouquinho de gente? Deve ser só uma caixa preta em algum lugar. Talvez dentro da casa do... Como é que é o nome?”

“Luís Felipe.”

“Pronto, do Luís Felipe.”

“E é pra fazer o que com essa antena?”, questionou Heloísa, sem se deixar levar pelo discurso otimista de Kátia.

“Desligar. Tem que ser de um jeito especial”, ela explicou. “Porque, né, se a energia cair ou algo do tipo, não dá pras coleiras soltar. E acho que quem faz essas coisas sabe que tem o risco de alguém achar e desligar pra soltar todo mundo. Se desligar do jeito errado, as coleiras ficam travadas ainda.”

“E tu sabe?”

“Sei.”

“Tu é muito é doida”, Heloísa disse, por fim. “Se as coleiras desligarem, eles fazem é matar todo mundo. Quase mataram, da primeira vez. Tu não sabe do que esse povo é capaz.”

“Eu sei. Quantas pessoas tem aqui? Se elas souberem, e estiverem preparadas... Eles podem até tá bem armados, mas não são a maioria. Se for pego de surpresa, então, pior ainda. Tu fala com todo mundo. Não tem como dar um jeitinho de avisar, por debaixo dos panos?”

“Todo mundo odeia minhas fuça aqui. Já te falei a história. Não vão confiar em mim.”

“Depois dessa, vão confiar.”

Heloísa não sabia quando foi que perdera esse otimismo confiante. Quando era jovem, também pensava assim. Àquela altura da vida, já aprendera que qualquer esforço da sua parte seria inútil.

“Se a gente fizer isso, vão chamar a polícia.”

“Tu não tem certeza disso”, Kátia pontuou. “E, de qualquer forma, depois desse fuzuê, vocês vão estar mais armados que a polícia.”

Isso era. Os homens de Chico Sá não podiam contar com os números, então contavam com o poder de intimidação das suas armas chiques. Ao

menos, depois dessa, teria como bater de frente caso o coronel quisesse tentar sua sorte e reaver Cedrinho.

“Não precisa disso”, Heloísa disse.

“Disso o quê?”

“Isso. Tentar salvar Cedrinho. Não tô cobrando nada de vocês.”

“A gente precisa de um lugar para ficar”, disse Juciara, entre suas mordidas em geral silenciosas. “E a gente fez coisa pior que desligar uma antena, pra fazer isso...”

“Falta só saber onde é que tá a porra dessa antena, né?”, Heloísa pontuou.

“Ué, não era tu que era amiga do filho do dono porque arrancou uma bala das tripas dele?”

“Não é possível que ele seria tão burro de me dizer.”

Kátia não confiava na sagacidade de Luís Felipe.

“Tu não tem uma coleira e ele foi burro o suficiente para deixar isso acontecer. O problema das coleiras é que dão choque se tu chegar perto demais da antena. Ninguém encoleirado pode realmente desligar o controle.”

Heloísa não raro se questionava que espécie de ser humano faria um equipamento com tal nível de requinte e crueldade. Kátia continuou:

“O pior de tudo é que, mesmo sem coleira, a gente não faz nada, porque acha que não pode fazer, acha que não pode escapar. Teve gente com coleira que mesmo assim deu um jeito e escapou. A nossa cabeça prende a gente mais que um pedaço de plástico com circuito elétrico dentro pode fazer... Primeiro porque falta informação. Aposto que tu nem sabia isso da antena.”

Nenhuma palavra mais foi dita durante o jantar. Heloísa lavou os pratos e se recolheu para uma rede armada na sala, seu novo lugar de dormir enquanto cedia a cama e o quarto para a convalescença de Juciara. Se as moças fizeram alguma coisa nesse meio tempo, Heloísa era grata pela discrição.

Ela não conseguiu dormir, com a mente inquieta, e foi para o lado de fora fumar enquanto olhava o céu estrelado.

Graças a Kátia, agora podia compreender muito do que lhe acontecera nos últimos meses: entendia agora o voto de confiança que lhe foi dado por Luís Felipe, e o motivo da vigilância de Chico Sá. Os homens deles estavam em menor número e com a guarda baixa, agora que conheciam os rostos e os nomes e até tinham filhos com quem era de Cedrinho.

Talvez Luís Felipe fosse mesmo burro o suficiente de acreditar que, só porque era covarde demais para não lhe salvar a vida, ela estava do seu

lado. No mínimo, pensava muito mais com a cabeça de baixo do que com a cabeça de cima...

Talvez Heloísa tivesse mais influência do que ela pensava que tinha. Se ela tivesse fibra, poderia trazer tudo abaixo.

07

Kátia estava certa.

Era capaz que Luís Felipe fosse mesmo burro o suficiente para dizer a localização da antena, se Heloísa perguntasse com jeitinho. Ela se obrigou a sorrir quando ele entrou na sala de consulta sem pedir licença e se sentou na cadeira à frente da escrivaninha.

Chico Sá também estava certo. O rapaz cheirava a leite azedo: ele era tão branco, que, só de andar por aí, suas bochechas ficavam queimadas de sol. Heloísa já o alertara para não sair de casa sem protetor solar...

“Dia corrido?”, perguntou ele, sabendo muito bem que, de modo geral, ninguém vinha mais na clínica, a não ser em último caso.

Mesmo que Heloísa tivesse demonstrado se esforçar ao máximo para atender bem a todos, não importasse quem...

Seu instinto natural seria dar uma resposta curta e enxotá-lo dali. Entretanto, não só forçou um sorriso, como também se forçou a ser simpática.

“Pense...”

Ele retornou o sorriso, incrédulo de receber uma migalha de atenção. Não parecia ser lá muito ajustado, não era à toa que o pai o exilara em Cedrinho. Quem sabe, para morrer junto com todo mundo.

“E tu, tá muito ocupado?”

O rapaz limpou a garganta, encabulado. Não esperava a simpatia de Heloísa.

“Tô dando uma pausa no trabalho. Sabe como é, para esticar as pernas. Exercício.”

Se Luís Felipe tivesse andado 25 quilômetros em sua vida inteira, tinha andado muito. As pernas, dentro das calças, eram tão finas quanto palito de dente.

“Faz bem. Não tenho muito o que fazer se alguém enfartar por aqui.”

“Tu nunca pensou em estudar para se tornar uma médica de verdade? Eu podia...”

“A ideia de sair de Cedrinho nem me passa pela cabeça.”

Os dois limparam a garganta em uníssono. Quem sabe, a fascinação de Luís Felipe fosse explicada pelo fato de ele reconhecer alguém tão antissocial quanto ele próprio.

Ele tirou um fio invisível da camisa e levantou os olhos.

“Se tu quiser passar lá em casa mais tarde, posso ver com meu pai se tem como trazer mais coisa pra cá”, ofereceu. “Eu tô aqui, né? Tu é muito boa, mas não pode obrar milagre.”

De fato, a recuperação do ferimento dele fora bem mais longa e dolorosa que o necessário por falta de recursos. Os pontos meio desajeitados de Heloísa garantiram uma cicatriz não muito bonita na barriga leitosa do rapaz.

“Passo sim.”

“Na hora da janta?”

“Pode ser.”

Heloísa esfregou o rosto depois de Luís Felipe ter saído quase aos pulinhos de sua sala. Não era com o poder de persuasão que conseguiria arrancar dele o que queria. Levantou-se e buscou, no fundo do armário de medicamentos, uma caixinha com uma grossa tarja preta.

Caso tudo falhasse, ela poderia colocá-lo para dormir e ir atrás de algo na casa dele, quem sabe no escritório, que dissesse onde estava a porcaria da antena que controlava as coleiras.

Não disse para Kátia nem para Juciara o que pretendia fazer. Tomou banho e colocou o único vestido que tinha, e saiu sem dar maiores explicações. Elas que imaginassem o que quisessem.

Com certeza, o pai do rapaz queria vê-lo longe de tudo e de todos, mas ainda tinha certo orgulho. A casa construída para ele poderia muito bem ser a miniatura de uma mansão luxuosa, com direito a um deck com piscina. Piscina! A água era racionada ao máximo e o filho de uma mãe construiu uma piscina.

Mereceu o tiro que levou.

Heloísa respirou fundo e bateu na porta da frente, larga e luxuosa. Nada das portinhas estreitas com duas partes do resto das casas de Cedrinho. Quem atendeu foi o dono da casa, e o seu fiel cão de guarda estava estatelado no sofá, uma dose de uísque na mão.

Sentindo o desconforto de Heloísa, o anfitrião disse:

"O Chico já tá de saída."

Com um menear de cabeça, o jagunço foi dispensado; saiu sem falar nada, mas não sem antes lançar um olhar venenoso a Heloísa. Sabia que algo estava errado...

"Vamos pro escritório primeiro, quero que tu me diga o que a clínica tá precisando."

O que a clínica precisava mesmo é que Luís Felipe fosse embora.

Heloísa o seguiu escada acima, em direção ao escritório com vista para a piscina. Apesar do mato meio seco e o azul quase violento da água clorinada, a vista era até bonita. Ela se sentou, e, com uma voz pouco firme, citou uma lista de remédios e equipamentos que facilitariam sua vida, incluindo kits rápidos para exames de sangue.

Luís Felipe foi anotando, dedos rápidos no teclado de seu computador.

"Vamos precisar dessas coisas mesmo, muito em breve. Talvez seja necessário trazer até uma enfermeira."

"Ué, por quê?"

"Cedrinho não vai parar por aqui, óbvio. Meu pai quer expandir as operações aqui, fazer mais plantações e trazer mais gente. Daqui a pouco, Cedrinho vai abastecer o Cedro inteiro."

Heloísa teve que fingir interesse:

"E é?"

"Sério. Quer ver?"

"Quero."

Ela contornou a mesa e se prostrou atrás dele, que exibiu, orgulhoso, na tela, um mapa. Era o mapa de Cedrinho, com o centro, as casas, as ruas improvisadas, as plantações, a estação de tratamento e os painéis solares.

Com um toque a mais no teclado, a tela do computador exibiu outro mapa, bem maior, mais organizado. Nele, Heloísa identificou a construção de uma antena. Ergueu as sobrancelhas.

"Legal, né?"

Luís Felipe voltou o mapa. Onde era a antena, um X discreto estava marcado. Era uma região de mato, a certa distância do centro, e ainda

próxima das plantações... Um ponto estratégico para um equipamento de controle das coleiras.

“Legal mesmo”, concordou Heloísa, sua simpatia agora perto do genuíno. “O que vai ter de novo? Eu vi uma antena no mapa. Vai ter internet boa agora?”

Já tinha internet, de um gato muito do mal feito...

“Pode-se dizer que sim, é uma espécie de centro de controle”, respondeu Luís, esquivo. “Mas, sim, vou cuidar para que Cedrinho tenha tudo a que uma cidade normal tem direito.”

Ele não era tão burro assim.

Heloísa só era mais esperta e informada do que ele previa.

“Muito bom mesmo. Gostei.”

“Gostou?”

“Sim.”

Ela sorriu, e, dessa vez, foi de verdade. Não ia saber mexer no computador chique do escritório se tivesse que drogá-lo.

08

Heloísa chegou em casa e encontrou duas moças bastante assustadas na sala.

“A gente vai ter que ir embora”, disse Kátia, uma arma no colo.

“Já? Por quê? A perna da Juc...”

“Tinha um homem tentando olhar dentro da casa lá fora. Ele forçou a tranca da porta e foi embora, mas acho que ele vai voltar. Deve ter visto alguma coisa.”

“Era o Chico Sá”, deduziu Heloísa. “Tá de olho em mim.”

“Pois é. A gente tem que ir embora antes de criar uma confusão pra cima de ti.”

“Agora que eu consegui descobrir onde é que tá a antena das coleiras.”

Juciara arregalou os olhos.

“Tu descobriu?”

“Onde tu acha que eu fui? Na casa do Luís Felipe. Fui lá, jantei, conversei, o corno me mostrou um mapa daqui que tá marcado onde é que é a antena. Daqui a pouco, ele vai construir uma antena de verdade. Aí vai ser problema. A gente tem que ir lá o mais cedo que der.”

“Agora?”

“Agora não, né?”, ralhou Kátia para a namorada. “O povo daqui tem que tá esperto.”

“Ninguém vai escutar meu aviso”, observou Heloísa, derrotada, mas não menos confiante. Dirigiu-se para a sua escrivaninha no canto da sala e anotou num pedaço de papel o que conseguia se lembrar o mapa. “Pelo menos, vão ficar de olho.”

“Amanhã, então”, pressionou Juciara. “Aquele homem que veio aqui sabe que tu tá escondendo alguma coisa.”

Kátia devia ser a mais paciente do casal.

“Vamos ficar de olho. Se a gente se apressar, aí é que dá tudo errado mesmo.”

Heloísa tirou as sandálias e anunciou que iria fazer um café. Chico Sá só viera espionar sua casa porque sabia que ela não estaria — muito raramente não estava em casa —, mas nada garantia que ele não voltaria mais tarde naquela mesma noite, achando que a dona da casa dormia em sono profundo.

Ela não ia pregar o olho, e as meninas também não.

A noite passou em um borrão. Qualquer barulho do lado de fora, e tanto Kátia quanto Juciara se levantavam com as armas em riste — a segunda com um pouco mais de esforço e dor envolvidos. Kátia se ocupara em costurar o furo nas calças da namorada, Heloísa pegara um livro e Juciara limpava a pistola mais antiga que carregava consigo, lustrando a prata já impecável.

De manhã cedo, Heloísa questionou:

“E agora, vou pro trabalho ou não?”

“Vai. Vê se tu consegue falar com alguém. Avisar”, Kátia ponderou. “Leva isso. O coice é meio forte, então tenta atirar com os pés firmes no chão.”

E, nisso, Kátia lhe estendeu a menor das três armas, pequena o suficiente para passar despercebida em uma bolsa. Com os dedos nervosos, Heloísa a pegou e enfiou na sacola de tecido que levava ao trabalho, antes de tomar banho e se aprontar.

Despediu-se das meninas com uma sensação amarga no estômago. Poderia ser o tanto de café que tomou, mas a médica tinha quase certeza que era mau presságio. Ela saiu de casa e foi caminhando pela estradinha, olhos no mato rasteiro ao redor, buscando sinal da presença do Caveira.

Antes de ir para a clínica, decidiu passar no mercadinho. Se Heloísa sabia de uma coisa, é que, mesmo anestesiada, Fátima repassaria a informação para todo mundo, tal qual repassou as compras dela para Chico Sá.

Comprou um pacote de biscoito recheado que nunca comeria, e, na hora de pagar, inclinou-se para a dona da mercearia e sussurrou:

“Avisa pra todo mundo ficar de olho.”

Com os joelhos bambos, foi para a clínica, e, chegando lá, jogou-se em sua cadeira. Tentou controlar a respiração. Não poderia dar nas caras seu claro nervosismo...

Não deu tempo.

Mal teve tempo de se acalmar, ouviu o barulho de tiro, na direção de sua casa.

Sem pensar direito, pegou a bolsa com a pistola de Kátia e correu. Quem ficava no centro já colocava a cabeça para fora da janela, imaginando o pior. Heloísa, durante a corrida, desejou não ter começado a fumar, e tão tarde, ainda por cima.

O lado direito da barriga fisgava enquanto corria pelo caminho de terra batida que levava à sua casa. A porta da frente fora forçada, e estava aberta. Tudo quieto. Então Kátia, com espirros de sangue no rosto, surgiu na porta.

Com a mão, gesticulou para Heloísa correr de volta.

"Vai desligar lá! Tá tudo bem!"

O Chico Sá é que não devia estar.

Heloísa, mesmo ofegante, deu meia-volta. O local da antena era do lado oposto de Cedrinho. Esbaforida como estava, ao menos teve cabeça para se lembrar de que não deveria tomar o caminho mais curto, pelo centro mesmo. Os jagunços já deviam estar lá, a caminho da casa.

Kátia e Juciara morreriam se Heloísa demorasse demais; o desligamento das coleiras seria uma baita distração do que acabara de acontecer. Ela foi cautelosa mesmo assim, e seguiu pelos matos atrás das casas, até que encontrou a estradinha para a estação de tratamento.

Correu até ter que se embrenhar nos matos de novo. Teria que procurar o local às cegas, mas conhecia aquela área com a palma da mão. Não demorou até topar com uma caixa preta escondida atrás de um tronco caído, com o nome *Eden Inc.* gravado em prata.

Ajoelhou-se no chão e tentou procurar os botões descritos por Kátia. Com sorte, o funcionamento do aparelho era intuitivo, mesmo estando tudo em inglês. Não demorou meio minuto, e todas as luzes se apagaram.

Houve um momento do silêncio, e, então, uma saraivada de tiros.

"Bem que o Chico Sá tinha me avisado", disse Luís Felipe, uma arma apontada para a cabeça de Heloísa, "que tu tava aprontando."

Heloísa levantou as mãos como se estivesse desarmada.

"O Caveira deve tá morto uma hora dessa. Queimando no inferno."

O dedo de Luís Felipe pressionou o gatilho. Heloísa fechou os olhos, esperando pelo pior... E nada aconteceu. Ele não conseguiu atirar.

"Foge", disse ele. "Foge. Tu salvou minha vida uma vez, vou salvar tua vida essa vez."

Heloísa concordou com a cabeça, e fez que ia embora, enquanto Luís Felipe baixou a arma e se ajoelhou na frente da caixa, tal como Heloísa fizera alguns momentos atrás. Desta vez, buscando ligar o aparelho.

Ela achou que nunca mataria um homem.

Não até aquele momento.

Escondeu-se no meio do mato, pescou a pistola da bolsa, destravou-a, fincou os pés no chão. O dedo pressionou o gatilho sem pensar duas vezes.

O olho de Heloísa nem tremeu.

CARCARÁS

“Carcarás” é uma coleção de noveletas 100% nordestinas, um projeto feito para espalhar a palavra do Nordeste pelo Brasil e trazer diversidade e conhecimento ao mercado literário. As noveletas são lançadas bimestralmente e variam entre ficção, fantasia, terror e suspense.

G. G. DINIZ



G.G. Diniz nasceu e reside em Fortaleza - CE, e é escritora de ficção científica, fantasia e horror homoerótico. Co-criou o sertãopunk, buscando trazer para o circuito da literatura fantástica nacional o mínimo de bom senso na hora de escrever histórias ambientadas no Nordeste. Produz conteúdo focado em literatura e crítica literária dentro dos gêneros especulativos em seu site e canal no YouTube, ambos intitulados Usina de Universos.